

CAPÍTULO 3

**Corpos indóceis e não retilíneos
em produtos culturais
representados por mulheres**

Rafaela Carla e Silva Soares

Lara Vieira Ladeira Coimbra

Introdução

Se quisermos nos livrar do peso morto em que mais uma vez transformaram nossa feminilidade, não é de eleições, grupos de pressão ou cartazes que vamos precisar primeiro, mas, sim, de uma nova forma de ver (WOLF, 1992, p. 24).

Neste ensaio, propõe-se analisar produtos culturais representados por mulheres fora do padrão de beleza eurocêntrico, a fim de compreender as estruturas sociais de controle do corpo feminino e consequente adequação e impacto social no corpo das mulheres, por meio da análise de dois casos a partir de material disponível na internet – vídeos, entrevistas, redes sociais e matérias jornalísticas.

Selecionamos, para esta produção, Melissa Viviane Jefferson – mais conhecida como Lizzo –, que tem se destacado no mercado musical, e Melanie Gaydos, na moda. Ambas se apresentam valorizando sua estética corporal natural. Respaldamos nossa discussão teórica a partir de autores como Kimberlé Crenshaw, Naomi Wolf, Michel Foucault, Tomaz Tadeu da Silva, entre outros/as.

“A ‘beleza’ não é universal, nem imutável, embora o mundo ocidental finja que todos os ideais de beleza feminina se originam de uma Mulher Ideal Platônica” (WOLF, 1992, p. 15). Naomi Wolf (1992) refere-se a várias culturas, que não vivenciam o mito da beleza como os ocidentais o fazem, e afirma que:

[...] não existe nenhuma justificativa legítima de natureza biológica ou histórica para o mito da beleza. O que ele está fazendo às mulheres hoje em dia é consequência unicamente da necessidade da cultura, da economia e da estrutura do poder contemporâneo de criar uma contraofensiva contra as mulheres (WOLF, 1992, p. 16).

Para Pierre Bourdieu (2002), o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas e a construção social dos gêneros recebeu grande influência da anatomia dos órgãos sexuais humanos. A oposição entre os sexos se dá por meio de oposições mítico-rituais: alto/baixo; seco/úmido; quente/frio; passivo/ativo. A vagina deve seu caráter funesto, maléfico, ao fato de que não só é vista como vazia, mas também como o inverso, o negativo do falo.

Atualmente, o corpo pode ser associado ao ideal de consumo de maneira que o padrão de beleza é evidenciado pela mídia por meio de produtos e estilo de vida. Como apontou Maria Helena Fernandes (2003), o corpo está em alta! Alta cotação, alta produção, alto investimento e, conseqüentemente, alta frustração.

Atualmente ao ligar a televisão ou folhear uma revista ou jornal, garotas perfeitas com curvas delineadas e garotões de porte atlético tentam vender um carro, um eletrodoméstico, um tênis, estabelecendo os padrões estéticos. Isto faz com que as pessoas tornem-se escravas de um ideal, ressaltando o narcisismo e impondo para si mesmas uma disciplina extremamente severa, por vezes dolorosa (FERNANDES, 2003, p. 82).

O padrão de beleza não é estático, mas sim mutável, pois se relaciona à forma como a sociedade percebe o corpo naquele momento histórico. Atualmente, o conceito de beleza está associado à juventude. Dados recentes da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica mostram que mais de 1,5 milhão de procedimentos estéticos são feitos no Brasil todos os anos. Segundo a Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica, o país lidera o ranking de cirurgias plásticas do mundo, em que lipoaspiração e prótese de silicone são as mais realizadas. Percebe-se um aumento considerável nos casos de Transtorno Disfórmico Corporal¹ e, por incrível que pareça, os casos prevalecem entre adolescentes e jovens, principalmente mulheres (RUSSO, 2005).

Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2005), não se pode separar questões culturais de questões de poder. O multiculturalismo transfere para o terreno político uma compreensão da diversidade cultural, que esteve restrita a campos especializados, como o da Antropologia – que nos ensinou que nenhuma cultura é superior a outra. Num currículo multiculturalista crítico, a diferença é colocada permanentemente em questão:

O multiculturalismo, nessa visão, pretende substituir o estudo das obras consideradas como de excelência da produção intelectual ocidental pelas obras consideradas intelectualmente inferiores produzidas por representantes das chamadas “minorias” – negros, mulheres, homossexuais (SILVA, 2005, p. 89).

1 Transtorno mental que se caracteriza por afetar a percepção que a/o paciente tem da própria imagem corporal, levando-a/o a ter preocupações irracionais sobre defeitos em alguma parte de seu corpo (por exemplo: nariz torto, olhos desalinhados, imperfeições na pele etc.) (TORRES; FERRÃO; MIGUEL, 2005).

No que diz respeito a produtos culturais, como programas de TV, música, moda etc., ainda que não haja intenção explícita de ensinar, indiretamente o fazem. “São formas de conhecimento que influenciarão o comportamento das pessoas de maneiras cruciais e até vitais [...]. Elas apelam para a emoção e a fantasia, para o sonho e a imaginação: elas mobilizam uma economia afetiva que é tanto mais eficaz quanto mais é inconsciente” (SILVA, 2005, p. 140).

Para Marcos Neira, Nei Santos Júnior e Ana Paula Santos (2009, p. 107), a “repetição e reiteração do discurso midiático acerca do corpo feminino vai habituando o público, desde a mais tenra idade, a partilhar das imagens e mitos impostos por meio de narrativas, que passam a ser aceitas como evidentes”. O objetivo da mídia é muito claro: lucrar com o corpo feminino. E não qualquer corpo feminino, mas aquele que corresponde ao padrão de beleza mais lucrativo para aqueles que monopolizam a mídia mundial, sendo um padrão inalcançável por parte da população que se desdobra para ter o corpo das famosas. Daí a importância de dar visibilidade a corpos que representam as mulheres comuns.

Tecendo reflexões de produtos culturais representados por mulheres: Lizzo – Valorizando a mulher preta, gorda e empoderada

Melissa Viviane Jefferson, mundialmente conhecida como Lizzo, é uma cantora, *rapper* e flautista, natural dos Estados Unidos e vencedora de três prêmios Grammy, devido ao grande sucesso do álbum *Cuz I Love You*, de 2019. A artista chama atenção por defender pautas como o feminismo, a

positividade corporal, a expressividade sexual e a presença da cultura negra na mídia convencional. Ela atua nessas questões por meio de composições autorais e do próprio corpo. Em seus vídeos, Lizzo faz questão de expor a beleza preta e gorda, que representa pessoas reais, que ocupam o espaço público e o espaço midiático. Seu trabalho opera como uma espécie de “permissão” para mulheres pretas e gordas também se sentirem bonitas e expressarem sua sexualidade publicamente, sem nenhum tipo de coerção.

Lizzo nasceu em 27 de abril de 1988, em Detroit, mas passou a maior parte da infância na cidade de Houston, no estado do Texas. Foi introduzida à música através da flauta transversal aos nove anos. Aos 14, conheceu o *hip-hop* e o *rap*. Ela chegou a estudar performance de flauta em música clássica na Universidade de Houston, mas abandonou a academia para focar na carreira.

Seu primeiro lançamento na indústria musical aconteceu em 2012, como parte do grupo *Lizzo & the Larva Ink and the Chalice*. Porém, um ano depois partiu para a carreira solo com o álbum de estreia *Lizzobangers* (2013), que imediatamente a colocou no mapa da mídia local e nacional. Após trabalhar em colaborações com Prince, Bastille e outros, lançou o álbum *Big Grrrl Small World* (2015).

Sendo bem-sucedida também em seu segundo lançamento, logo conseguiu contrato com a gravadora multinacional Atlantic Records. Ao longo de três anos, lançou uma série de EPs (*extended plays*), até chegar à produção de *Cuz I Love You*, de 2019, finalmente estourando em nível mundial.

Devido aos obstáculos impostos pela pandemia de covid-19, Lizzo pôde fazer seu retorno às plataformas dois anos depois, ao lançar a canção "Rumors", com participação da *rapper* Cardi B, referindo-se aos críticos das pautas que defende.

Eles não sabem que eu faço isso pela cultura, mas que diabos

Eles dizem que devo prestar atenção nas porcarias que eu posto, mas que diabos

Dizem que estou transformando garotas grandes em vadias, mas que diabos

E que eu tenho *groupies* vindo aos meus shows, mas que diabos

Todos os rumores são verdade, sim

Isso mesmo que você ouviu, é verdade, sim (LIZZO, 2021, tradução nossa).

Em setembro de 2021, foi convidada pela TED, uma famosa organização que promove palestras educacionais, para falar de aspectos históricos e de como a popularização de artistas pretas legitimou corpos femininos pretos e a forma como se movimentam, principalmente por meio da dança no estilo *twerking*, que consiste na movimentação circular dos quadris, tido como um gesto sensual.

O *twerking* moderno originou-se de pessoas pretas e da cultura preta. Ele possui um paralelo direto com danças africanas, como a *mapouka*. A *mapouka* era, tradicionalmente, uma dança de mulheres da África Ocidental para celebrar sua alegria, dedicação religiosa, ou mesmo para mostrar que estavam prontas para transar, ou melhor, casar (TED, 2021, tradução nossa).

Ela prossegue recontando como o tráfico de escravos levou as danças africanas nativas para a América do Norte, que lá ganharam o nome de *ring shout*, o que mais tarde foi adotado como característica da evangelização, que ocorre até hoje em igrejas negras americanas. Também foram enaltecidos os nomes de Ma Rainey, Bessie Smith e Josephine Baker – precursoras do *blues*, já cantavam e reboavam para seus públicos no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Na cultura pop, ela finalmente cita a pessoa que levou o *twerking* à visibilidade mundial, Beyoncé, ao lançar o sucesso "Crazy in Love", cuja coreografia ficou muito famosa e muitas pessoas copiaram. Lizzo (2021) comenta o assunto, conforme tradução nossa: “Ela podia balançar a bunda (*sic*) e ainda ser vista como uma pessoa elegante, aos olhos da América, e isso era muito difícil de se fazer”.

A *rapper* conta que, em anos mais recentes, essa dança ficou tão popular e atravessou tantas camadas sociais que a mídia convencional, em suas palavras, passou a atacar e referir-se ao gesto como algo perturbador e nojento, que explora e sexualiza em excesso mulheres jovens. Entretanto, Lizzo defende o *twerking* como algo que a fez desenvolver seu amor-próprio, e que não deve ser tirado de contexto, pois dançar rebolando é uma forma de liberação feminina, e não algo puramente sexual.

Beyoncé e Nicki Minaj já são musas de corpos negros considerados bonitos e legítimos, enquanto a ascensão de Lizzo vem provocando um misto de reações fortes, por ser uma mulher gorda que rebola, mostra suas curvas e expõe suas ideias, mudando a forma como mulheres semelhantes a ela

controlam o próprio corpo e derrubam barreiras de auto-percepção – no sentido de que não é necessário se omitir, se regular, ou evitar situações para fazer parte da sociedade. Essas mulheres também têm espaço no feminismo, podendo decidir com que tipo de parceiro querem ficar e sob quais condições isso deve acontecer. Lizzo deixa isso muito claro no seu *hit* "Truth Hurts":

Por que os homens são ótimos até o momento em que precisam ser ótimos?

Acabei de fazer um teste de DNA, acontece que sou 100% aquela puta

Mesmo quando estou chorando loucamente

Sim, eu tenho problemas com homens, essa é a humana em mim

Bling bling, assim eu resolvo tudo, essa é a deusa em mim

Você poderia ter conseguido uma puta de respeito, sem compromissos

Que apoiasse sua carreira, nem que seja um pouquinho

Você deveria estar me segurando contra o chão

Mas em vez disso, me segura para trás

E este som agora, sou eu não te ligando mais (LIZZO, 2019, tradução nossa).

"Putas de respeito" (*Bad Bitch*, na versão original) é uma expressão usada repetidas vezes por Lizzo para designar mulheres poderosas e independentes. A gíria provém da palavra *badass*, que pode ser explicada como um adjetivo para pessoas que realizam grandes feitos e ganham respeito por isso. Portanto, nota-se como é importante nas composições

de Lizzo colocar a mulher numa posição de poder, o que ainda é contestado pela histórica hegemonia masculina.

Há muito tempo tem-se construído e cultivado uma relação de poder entre Estado e sociedade, educador e aluno, normal e anormal. A disciplinarização e docilização dos corpos como um fenômeno político foi descrito primeiramente por Foucault, em obras como *Vigiar e punir* (2009) e *Microfísica do poder* (2014). Lorena Ferreira Cronemberger (2019) conta que cada época da humanidade é marcada por um padrão corporal e suas exigências específicas, mas que deve ser sempre produtivo e cumprir as exigências do meio que ocupa. Para isso, existem inúmeras estratégias de poder para docilizar e condicionar os corpos. Foucault, citado por Cronemberger, escreveu que todas as formas de repressão corporal, incluindo punições, negação e censura, configuram um mecanismo feito para dominar e reduzir as pessoas a apenas categorias, como “funcional” e “não funcional”, ou “produtivo” e “improdutivo”.

Direcionando esse conceito para o universo feminino, Cronemberger apoiou-se na obra de Susan Bordo (1997), autora do artigo *O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault*, o qual evidencia que a docilização do corpo feminino é mais massiva e pode provocar impactos na saúde mental e física. Mulheres passam mais tempo cuidando da aparência, controlando o peso, vigiando seus trejeitos e se punindo para parecerem mais educadas e delicadas aos olhos dos homens, que as enxergam como

objeto de desejo. Isso significa que as mulheres sofrem de forma mais intensa as consequências do exercício do poder pelo Estado e seus mecanismos de dominação. Cronemberger usa como exemplo uma patologia dismórfico-corporal muito conhecida:

[...] Bordo também analisa a anorexia, ressaltando que a sintomatologia dessas patologias revela-se como textualidade de um ideal contemporâneo pelo corpo 'saudável', ou seja, magro, 'esbelto'. Segundo Bordo, essa inscrição visivelmente literal e dolorosa no corpo da mulher com anorexia está intimamente relacionada à construção da feminidade contemporânea e, consequentemente, à construção de uma normalização do corpo da mulher (CRONEMBERGER, 2019, p. 33-34).

Por ser uma voz preta e feminina, muitas das atitudes e versos escritos pela *rapper* expõem questões levantadas pelo movimento feminista negro. Esta vertente do feminismo é definida por Haline Leal (2020) como um termo utilizado para designar o "movimento teórico, político, social e prático protagonizado por mulheres negras e que busca dar visibilidade às pautas deste grupo". Seu principal argumento é o fato de que tanto o movimento feminista convencional, quanto as resistências negras, como o *black power*, não conseguem contemplar as vivências ou as necessidades de mulheres pretas. Nos estudos da autora Angela Davis, de quem Leal se apropria, o feminismo, historicamente falando, sempre teve um caráter excludente.

Quando o direito a voto foi conferido aos negros nos Estados Unidos, por exemplo, houve desaprovação por parte da elite de mulheres brancas das classes média e alta. A própria lei

que passou a permitir o voto de ex-escravizados excluía mulheres negras e brancas. Porém, elas não se uniram, já que as lideranças feministas na época preferiram concentrar suas críticas em reclamações distintamente racistas. Mais tarde, quando os movimentos negros começaram a tomar maior forma, nunca foi incluída a questão de gênero em seus protestos, o que Leal (2020) descreve como “desinteresse em combater o sexismo”. Tudo isso indica que a existência de mulheres negras já estava sendo apagada duplamente, desde aquele tempo. Elas não encontram facilmente em que se apoiar, ou como podem ser ouvidas. Elas vivem um tipo de abandono emocional, político e social apenas por fazer parte de duas minorias ao mesmo tempo, a chamada “interseccionalidade”, conceito elaborado por Kimberlé Crenshaw e explicitado no artigo de Leal (2020). Na citação abaixo, pode-se entender melhor o que significa viver neste tipo de interseção:

[...] o Feminismo Negro ressalta, assim, que, neste contexto, as questões de raça e suas dificuldades associam-se unicamente ao ser homem negro, e as questões de gênero unicamente ao ser mulher branca. As experiências das mulheres negras não se inserem nem no ser mulher nem no ser negro. Seja nas discussões teóricas, seja nas vivências do dia a dia, a mulher negra experiencia o não lugar (LEAL, 2020).

Pertencer a uma espécie de “limbo”, onde não existe amparo ou mecanismo para entender e proteger mulheres pretas, apenas as deixa mais vulneráveis às mazelas e à violência. Somente a partir dos anos 1980 em diante, popularizou-se o feminismo negro. Atualmente, graças à internet, ocorre

um boom de produções literárias sobre o tema. Uma das questões mais amplamente discutidas nas pesquisas atualmente é o “lugar de fala”. Muitas suposições e afirmações vindas do senso comum, ou até mesmo presentes na área da historiografia, não correspondem à verdade vivida pelas minorias ou à memória negra. “O conceito não pretende apenas legitimar a expressão de amontoado qualquer de palavras, mas revelar uma hierarquia violenta que subjaz as autorizações, as decisões sobre quem pode e quem não pode falar” (LEAL, 2020).

Quando a artista aborda o *twerking*, ela faz uso do seu lugar de fala, endereçando principalmente veículos midiáticos tradicionais, que marginalizam e demonizam essa forma de expressão como algo indigno e sujo. Até algo que aparenta ser banal e vulgar aos olhos da grande mídia, que reforça o estereótipo da mulher recatada, tem uma história, uma razão para existir, principalmente quando é um símbolo de feminilidade, autoestima, e contribui para reduzir constrangimentos na imagem corporal das mulheres.

Retornando à questão da interseccionalidade entre minorias, Lizzo protagoniza e dá voz às mulheres gordas, apresentando uma imagem positiva desse tipo de corpo. Em muitos videoclipes, junto a outras dançarinas e figurantes, ela encena papéis de deusas, dominadoras e outras figuras autoritárias e sensuais ao mesmo tempo. Sabe-se que “falta representação na mídia para o corpo da mulher gorda, que passa desde a infância até a fase adulta, espelhando-se em padrões inalcançáveis” (PEREIRA; OLIVEIRA, 2016, p. 2). No artigo desses dois autores, é discutida a forma como o corpo gordo

é apagado, mesmo sendo um corpo real, além do fato de todas as novelas, desenhos animados e bonecas darem preferência à magreza, deixando marcas e impressões muito negativas durante o crescimento das meninas. A presença de Lizzo e sua crescente circulação transmidiática aumentam a representatividade do corpo não retilíneo e gordo. Além disso, a cantora glorifica um corpo da realidade, combatendo a gordofobia.

Tecendo reflexões de produtos culturais representados por mulheres: Melanie Gaydos – o diferente também é vendável na indústria da moda

Quando Melanie ainda estava no útero de sua mãe, as células que formariam as estruturas do ectoderma sofreram uma mutação genética. Ela nasceu, em 1990, com displasia ectodérmica, “um grupo heterogêneo de doenças hereditárias caracterizadas pela presença de alterações em duas ou mais estruturas de origem ectodérmica, incluindo pele, cabelo, unhas, dentes e glândulas écrinas” (ARAÚJO et al., 2001, p. 55). Seu corpo foi incapaz de fazer crescer cabelos ou dentes, além de malformação em glândulas de suor, unhas e pele, entre outras patologias.

Por muito tempo, Melanie acreditou que não conseguiria desempenhar nenhuma função na sociedade por conta de sua aparência, dos olhares assustados dirigidos a ela e do *bullying* sofrido na escola. Ela já havia se tornado estudante universitária em Artes, pelo Pratt Institute, em Nova York, quando um amigo sugeriu que poderia ser bem-sucedida

como modelo, justamente por não haver mais ninguém com a mesma fisionomia.

Sua porta de entrada na mídia foram a moda alternativa e fotógrafos que procuravam uma estética sombria e bizarra para seus projetos. Em 2011, com 21 anos de idade, ela mandou fotos e uma carta para o fotógrafo espanhol Eugenio Recuenco, descrito como um “pintor da contemporaneidade”. O trabalho de Recuenco é muito visado pela sofisticação, por vezes adicionando uma textura e composição de cenário mais comuns em telas do que em fotografias tradicionalmente – além das personagens femininas em suas peças, que costumam desempenhar papéis bizarros. Ao receber a carta de Melanie, ele imediatamente convidou-a para participar do vídeo musical de uma banda com quem estava trabalhando, que por coincidência era uma das favoritas da aspirante a modelo. O grupo alemão Rammstein está presente no nicho artístico desde o começo dos anos 1990, cujo estilo musical mescla as guitarras pesadas do metal com a batida eletrônica do *techno*.

Com origem na antiga Alemanha Oriental, o Rammstein escreve composições que tratam das hipocrisias da sociedade capitalista contemporânea, como também censura e sexo. Seu outro grande apelo está relacionado às performances em palco, que incluem pirotecnias manuseadas pelos próprios integrantes e até encenações de fetiches sexuais. Em suma, eles são um nome proeminente da música alternativa, que faz uso de elementos chocantes e polêmicos

como entretenimento. Para o vídeo de "Mein Herz Brennt",² Melanie Gaydos fez o papel de uma entidade sobrenatural que atormenta os sonhos das pessoas, alimentando-se de seus medos e lágrimas. O clipe, que acabou sendo dividido em duas versões – uma oficial, dirigida por Zoran Bihać, e uma alternativa, com assinatura de Eugenio Recuenco –, traz Melanie com mais destaque.

Sua figura e *performance* fascinaram tanto que, desde então, ela pôde trabalhar como modelo e atriz em tempo integral. Desde sua estreia, Gaydos estrelou em filmes como *Todos os deuses do céu* (2018) e *Sobrenatural: a última chave* (2018). No universo *fashion*, ela já fez aparições na New York Fashion Week e foi uma das dez musas escolhidas pela tatuadora e empresária estadunidense Kat Von D para sua coleção de maquiagens *Kat Von D 10 Anniversary Collection* (2018).

Mais uma vez, é preciso reforçar que o poder do Estado sobre o indivíduo está presente em diversos mecanismos e estratégias: uma delas é o controle sobre a mulher. Algumas formas de machismo são mais fáceis de ser identificadas, e também são mais discutidas, facilitando a quebra dessas estruturas e o combate à submissão. Temas como violência doméstica, direito à educação ou equidade de salários já estão relativamente mais presentes em livros, notícias, palestras – conseguem penetrar o espaço do comum e corriqueiro dentre as pessoas. Entretanto, certas formas de exercício de domínio são tão veladas e naturalizadas que passam despercebidas.

² Ver: MEIN Herz Brennt. Lunik: [s. n.], 2015. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo site Eugenio Recuenco. Disponível em: <https://eugeniorecuenco.com/music>. Acesso em: 19 out. 2021.

Em *O mito da beleza*, de Naomi Wolf (1992, p. 25), é evidenciado como o corpo feminino e o conceito de beleza têm valor econômico. A mulher é moeda, é vendida e é usada. Quando surge um espaço a ser ocupado por mulheres e elas o fazem, logo os homens inventam uma maneira de desestabilizar essa conquista, e muitas vezes eles conseguem isso, principalmente quando a beleza invade a independência financeira da mulher, tomando o lugar de capacidades que nada têm ligação com atributos estéticos. Wolf (1992, p. 28) elucida que “os empregadores não criaram a reação do sistema baseada na beleza por desejarem ter escritórios bem decorados. Ela se originou do medo”. O medo de perderem poder.

Mais curioso ainda é como a obra de Wolf corrobora o aspecto econômico que movimenta a indústria da moda, ilustrando de forma literal o que é transformar a beleza em dinheiro, e o corpo em bem material. O ideal de “homem máquina” e a busca pela perfeição do desempenho humano, originados com a Revolução Industrial, foram duas das principais raízes do mundo *fashion*. De acordo com Muryllo Rhafael Lorenseni, Renata Carvalho Oliveira Zambon e Naiara Rocha (2012, p. 368-369):

[...] a ideia de perfeição está completamente relacionada àquilo que é veiculado na mídia, ou passa a ser entendido como tendência, ou seja, o corpo perfeito de hoje, muito diferente do corpo perfeito de décadas anteriores é ditado por um mercado estético que, por sua vez, é conduzido por novas tecnologias e novas possibilidades (LORENSONI; ZAMBON; ROCHA, 2012, p. 368-369).

Cirurgias de harmonização, implante de silicone e outras intervenções estéticas expõem, na visão dos três autores citados, a obsessão por corrigir o que está errado com o corpo. Face a isso, precisamos, em primeiro lugar, questionar o conceito de certo e errado para a grande mídia e para a indústria da moda. Melanie Gaydos pode ser considerada uma força contraventora nesse nicho, pois, para o padrão de beleza atual, ela estaria fora de qualquer tipo de perfil retilíneo, passível de correções, ou aperfeiçoável. Ao mesmo tempo, sua singularidade aumenta muito seu valor como modelo. No mercado da moda, sua presença atende uma demanda pelo excêntrico e pela diferenciação em relação à maioria das profissionais da área, que se adaptaram ou fizeram procedimentos para homogeneizar suas feições e medidas. Gaydos conseguiu ascender, pois, de acordo com ela, “eu sabia que conseguiria fazer dinheiro com isso, pois não tem mais ninguém que se parece comigo. Tinha um vácuo que precisava ser preenchido, e eu sabia que daria conta de fazê-lo” (GALORE TV, 2016, tradução nossa).

O discurso e o apelo da modelo em questão estão concentrados na problemática da sociedade de consumo, mas não da forma que se imagina. Tatiane Pacanaro Trinca (2008, p. 89) escreve que “a imagem do ‘corpo belo’ consumido pelas próprias mulheres (a fim de ficarem semelhantes às celebridades) e desejado pelos homens tornou-se tanto moeda de troca quanto símbolo de status, autoafirmação e elemento de aceitação social”. Essa pressão vivida pelas mulheres é outro exemplo do mito da beleza. Gaydos acaba se aproveitando de brechas nesse mecanismo para conseguir exposição e quebrar o padrão instituído. Ela usa as mesmas roupas de

grife que outras modelos, comparece aos mesmos eventos, faz campanhas publicitárias e é escolhida como o rosto de marcas de cosméticos. De certa forma, ela prova que o “ser modelo” está mais relacionado à atitude do que à aparência em si, e que a indústria da moda está cada vez mais interessada no excepcional do que no padrão. A “normalidade” já não é suficiente para o mercado de consumo, e para sobreviver e manter seu poder, recorre ao que a sociedade procura atualmente. Gaydos parece saber disso muito bem, e não se sente incomodada por este fato, principalmente por ter conseguido transcender um passado de discriminação, e agora ocupar o lugar de uma mulher aceita socialmente, desejável, e de uma celebridade que inspira e instiga outras mulheres de corpos anômalos.

O fato de corpos e pessoas com deficiências estarem em evidência e incluídas na sociedade de consumo, seja por interesse empresarial ou não, é um marco histórico que precisa de continuidade, para não cair na efemeridade das modas. Infere-se que, na história primitiva, indivíduos que não tinham capacidade de contribuir para a obtenção de alimentos, construir utensílios ou fazer fogueiras eram considerados empecilhos para o estilo de vida nômade e a sobrevivência do grupo. Mais tarde, na Grécia Antiga, chamam a atenção os costumes de divisão de tarefas baseada no sexo na pólis de Esparta, juntamente com seu perfil de militarização. Fonseca (1995), citado por Érika da Silva Ramos e Artemis de Araújo Soares (2020), diz que a sociedade espartana era “símile ação de rejeição” e que “a morte deliberada de bebês atestados como deficientes pela hierarquia local não era desobedecida”.

Somente após a queda do Império Romano foi notada uma mudança no tratamento de pessoas com deficiências. Isso se deveu à disseminação dos dogmas cristãos na Europa feudal, estabelecendo uma permissividade maior. Na Idade Média, começaram a ser criados locais dedicados à segregação de pessoas com deficiência. Ramos e Soares (2020) apontam que essas instituições não foram criadas por piedade ou compaixão religiosa, mas sim já engajadas no conceito de limpar e purificar a sociedade. De forma aproximada, de 476 d.C. até as primeiras décadas do século XX (cerca de 1.450 anos), sujeitos com patologias físicas e mentais passaram a não ser mortos, mas retirados do convívio social e internados, apenas para experienciar uma péssima qualidade de vida. Devido aos avanços da ciência e da demanda de tratamentos fisioterápicos e psicológicos para soldados norte-americanos sobreviventes das duas guerras mundiais (1914-1918 e 1939-1945), finalmente surgiram programas de reinserção à sociedade, com leis e reformas que facilitariam sua locomoção e participação no espaço público.

Na contemporaneidade, já consolidado o conceito de uma sociedade inclusiva em que as pessoas com deficiência têm seus direitos garantidos por lei, o próximo passo seria fazer suas representações na mídia ocorrerem de forma positiva, desafiando o mito da beleza e os papéis que os sistemas de poder lhes delegam.

Viu-se vários entraves para aceitação do corpo deficiente, a exemplo deles, dois gigantes: o da estética em torno do corpo humano (representada atualmente principalmente pela indústria capitalista a qual age em demasia para comercialização de produtos, fórmulas e

técnicas que otimizem a satisfação generalista de valorização da composição física perfeita); e o da ditadura do corpo como instrumento útil e funcional (representado por aquele certo distanciamento da consciência corporal em que tempo é dinheiro e produção) (RAMOS; SOARES, 2020, p. 10).

No caso de Melanie Gaydos, seu trabalho consegue fazer com que esses limites sejam mais flexíveis. A profissional ingressou na indústria capitalista e estampa propagandas, que comercializam produtos cosméticos. Seu objetivo não é contribuir para a obsessão pela perfeição, mas sim mostrar que sujeitos de corpos anômalos têm os mesmos direitos de consumo e sentem vontade de se enfeitarem e se sentirem bem consigo mesmos, depois de tantos anos sendo oprimidos e excluídos da sociedade. Quanto à divisão “útil e inútil”, “funcional e disfuncional”, deve-se considerar que sistemas de dominação são os responsáveis por criar essas definições, dificultando a entrada de pessoas com deficiência não só na indústria da moda, mas em qualquer tipo de trabalho. A única diferença é o tabu que circunda o “trabalhar com o corpo”. Entretanto, conforme a sociedade cria uma demanda por mais inclusão, o mercado reage, permitindo aberturas nesse espaço.

Considerações finais

Neste ensaio, propusemos compreender as estruturas sociais de controle do corpo feminino e os consequentes impactos e adequações sociais no corpo das mulheres por meio da análise de dois casos a partir de material

disponível na internet – vídeos, entrevistas, redes sociais e matérias jornalísticas.

Na onda feminista atual, percebe-se um grande impacto do multiculturalismo, em que o espaço para a diversidade foi ampliado, entretanto, não sem luta por ele. As estruturas de poder centradas no patriarcado continuam pressionando para a manutenção da figura feminina como inferior.

Apesar de todo investimento da “violenta reação contra o feminismo, que emprega imagens da beleza feminina como uma arma política contra a evolução da mulher: o mito da beleza” (WOLF, 1992, p. 12), tanto Lizzo quanto Melanie representam a resistência feminina em busca de corpos indóceis e não retilíneos, a fim de não corroborar com essa estrutura e mostrar que as mulheres podem ser o que e como quiserem, bem como ocupar qualquer espaço social.

Os produtos culturais que elas representam, geralmente, são ocupados por mulheres que buscaram se adequar ao padrão de beleza vigente, seja por procedimentos cirúrgicos ou estéticos com menor intervenção. É um espaço de julgamento massivo contra o corpo da mulher, principalmente, nos tempos atuais, com o avanço da internet. A pressão por um corpo adequado aos padrões estéticos é muito grande, e conquistar espaço nesse ambiente sem se adequar a esses padrões não foi algo simples para as duas. No entanto, agora que chegaram lá, elas procuram reforçar a singular e real beleza da diversidade.

REFERÊNCIAS

- A modelo careca e sem dentes que venceu no mundo da moda. **BBC News Brasil**, São Paulo, 19 nov. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150919_modelo_genetica_tg. Acesso em: 19 out. 2021.
- ARAÚJO, Breno F. de *et al.* Síndrome da displasia ectodérmica anidrótica no período neonatal – relato de caso. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 77, n. 1, p. 55-58, fev. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/YypGX7gXHkWCqVWRnqfcMrq/?lang=pt#:~:text=M%C3%A9todos%3A%20Relato%20de%20caso%20de,seca%20e%20descamativa%20e%20hipertermia>. Acesso em: 11 out. 2022.
- BORDO, Susan. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. *In*: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. (org.). **Gênero, corpo, conhecimento**. Tradução de Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 19-41.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CRONEMBERGER, Lorena Ferreira. “Meu corpo, minhas regras!”: Michel Foucault, corpo da mulher e feminismo. **Praça**, Recife, v. 3, n. 1, p. 23-37, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/praca/article/view/243350>. Acesso em: 25 out. 2021.
- FERNANDES, Maria Helena. **Corpo: clínica psicanalítica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- GEIST, Brandon. How metalhead model Melanie Gaydos is fighting to redefine beauty. **Revolver**, [s. l.], 5 jun. 2019. Disponível em: <https://www.revolvermag.com/culture/how-metalhead-model-melanie-gaydos-fighting-redefine-beauty>. Acesso em: 19 out. 2021.
- LIZZO: the black history of twerking – and how it taught me self-love. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (13 min). Publicado pelo canal TED. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZISzEwovmQo>. Acesso em: 18 out. 2021.

MELANIE Gaydos talks womanhood and breaking barriers in the fashion industry. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Galore TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n3l9IB387to>. Acesso em: 19 out. 2021.

LEAL, Halina. Feminismo Negro. **Blog Mulheres na Filosofia**, Campinas, 14 abr. 2020. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/feminismo-negro-2/>. Acesso em: 26 out. 2021.

LORENSONI, Muryllo Rhafael; ZAMBOM, Renata Carvalho Oliveira; ROCHA, Naiara. O corpo na moda. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ARTE E CULTURA VISUAL, V, 2012, Goiânia. **Anais** [...]. Goiânia: Universidade Federal de Goiânia, 2012. Tema: Geopolítica, arte e cultura visual. Eixo temático: Arte, moda, corpo, p. 368-377. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2012-44_O_corpo_na_moda.pdf. Acesso em: 3 nov. 2021.

MEIN Herz Brennt. Lunik: [s. n.], 2015. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo site Eugenio Recuenco. Disponível em: <https://eugeniorecuenco.com/music>. Acesso em: 19 out. 2021.

NEIRA, Marcos; SANTOS JÚNIOR, Nei Jorge dos; SANTOS, Ana Paula da Silva. Corpo feminino na TV: reflexões necessárias no âmbito da educação física escolar. **Conexões**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 97-113, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637779>. Acesso em: 11 out. 2022.

PEREIRA, Bruna Barbosa; OLIVEIRA, Pedro Pinto de. Gordofobia, mocinha só magrinha: valores do corpo feminino nas telenovelas. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXIX, 2016o, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2016. Tema: Comunicação e educação: caminhos integrados para um mundo em transformação. Eixo temático: Comunicação audiovisual da Intercom Júnior, p. 1-15. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1719-1.pdf>. Acesso em: 25 out. 2021.

RAMOS, Érika da Silva; SOARES, Artemis de Araújo. Corpo, deficiência física e implicações históricas: da exclusão à inclusão. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, VII, 2020, Maceió. **Anais** [...]. Maceió: Universidade Estadual da Paraíba, 2020. Tema: Educação como (re)existência: mudanças, conscientização e conhecimentos. p. 1-12. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA11_ID2628_31082020102057.pdf. Acesso em: 3 nov. 2021.

RUMORS. Intérpretes: Lizzo featuring Cardi B. Compositores: Melissa Jefferson, Belcalis Almanzar, Torae Carr, Nate Mercereau, Steven Cheung, Eric Frederic e Theron Thomas. [S. l.]: Atlantic Records, 2021. 1 CD, single.

RUSSO, Renata. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. **Movimento e Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v. 5, n. 6, p. 80-90, jan./jun. 2005. Disponível em: <http://ferramentas.unipinhal.edu.br/movimentoepercepcao/viewarticle.php?id=39>. Acesso em: 11 out. 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

THRUTH hurts. Intérprete: Lizzo. Compositores: Melissa Jefferson, Eric Frederic, Jesse Saint John, Steven Cheung e Amina Bogle-Barriteau. *In*: CUZ I love you (deluxe). Intérprete: Lizzo. [S. l.]: Atlantic Records, 2019. 1 CD, faixa 13.

TORRES, Albina R.; FERRÃO, Ygor A.; MIGUEL, Eurípedes C. Transtorno dismórfico corporal: uma expressão alternativa do transtorno obsessivo-compulsivo? **Brazilian Journal of Psychiatry**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 95-96, jun. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/6KGDMDn3wJFGvkcVFQfNgyD/?format=html>. Acesso em: 11 out. 2022.

TRINCA, Tatiane Pacanaro. **O corpo-imagem na “cultura do consumo”**: uma análise histórico-social sobre a supremacia da aparência no capitalismo avançado. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/99271/trinca_tp_me_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 3 nov. 2021.

WOLF, N. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

LEITURAS COMPLEMENTARES

PHARES, Heather. **Lizzo biography**. AllMusic, [s. l.], [2021]. Disponível em: <https://www.allmusic.com/artist/lizzo-mn0003167672/biography?1665510732444>. Acesso em: 18 out. 2021.

THREE-TIME Grammy-winning superstar Lizzo has become a household name, with more than four billion global streams and Platinum debut album. **TED**, [s. l.], [2021]. Disponível em: <https://www.ted.com/speakers/lizzo?language=en>. Acesso em: 18 out. 2021.